

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida

Centro de Memória da Etec Fernando Prestes

Sorocaba/SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora /Instituição: Daniele Torres Loureiro da Etec Fernando Prestes, de Sorocaba

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Leila Almeida já ministrava aulas na Etec desde que a escola era EEPSP Fernando Prestes, no início da década de 80. Também foi coordenadora do núcleo comum e atuou de 1992 a 1999 como diretora da escola. No período em que foi diretora muitas ações e projetos culturais foram realizados visando resgatar a identidade da unidade escolar. Foi também durante sua gestão, com seu apoio e reconhecimento da importância, que o Centro de Memória da Etec Fernando Prestes foi implantado. Pelos motivos já expostos, bem como pelos 40 anos de trabalhos dedicados a Etec, justifica-se a relevância dessa entrevista.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Daniele Torres Loureiro

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec Fernando Prestes – Rua Natal, 340- Jd. Paulistano – Sorocaba - SP

Data: 25 de maio de 2018

Técnico de gravação: Daniele Torres Loureiro

Duração: 1 hora e 27 minutos

Número de vídeos: 1 vídeo (a parte final foi gravada somente o áudio, por problemas com a câmera)

Transcritor: Daniele Torres Loureiro

Número de páginas: 30

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada em 25 de maio de 2018, no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com a professora Leila Tereza Rolin de Oliveira Almeida. Pedagoga e Licenciada em Letras, especialista em Teoria da Literatura e em

Linguística. Atuou na rede estadual de ensino desde 1973 e na Fernando Prestes entre 1982 e 2022. Na Etec Fernando Prestes foi professora, coordenadora de núcleo e entre 1992 e 1999, diretora da unidade escolar. Na entrevista explana sobre os projetos Cultura vai à Escola e Conglomerados sub-habitacionais, importantes trabalhos que elevaram a identidade da escola junto à comunidade escolar, desafios enfrentados por mudanças na legislação entre outros assuntos que marcaram sua experiência como gestora, como professora ao longo de 40 anos de trabalhos dedicados a Etec Fernando Prestes.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 26 de setembro 2022 a 31 de outubro de 2022

Nome da transcritora: Daniele Torres Loureiro

Daniele Torres Loureiro (DTL): Leila, primeiro eu gostaria de agradecer por conceder essa entrevista aqui para o centro de memória. A gente sabe que você tem uma participação muito importante tanto para a escola como aqui para Centro de Memória, para a criação desse Centro de Memória. Então esse seu depoimento é bastante importante para a gente. É! Assim, nós temos algumas perguntas, mas de forma bem tranquila. Aí se você quiser dizer seu nome, natural de qual cidade, estado e contar um pouquinho sobre a sua formação profissional.

Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida (LTROA): Eu que agradeço, para mim é uma satisfação estar aqui e participar disso. Eu estou muito emocionada (choro), porque um monte de coisa, hoje começando a lembrar as coisas, parece que você vai ficar firme, mas não adianta. Mas para mim é uma honra. Meu nome é Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida, eu sou natural da cidade de Piedade, né, Estado de São Paulo, eu sou formada em Magistério, Licenciada em Letras, Português/Inglês. Pós-Graduada em Teoria da Literatura, Gramática e Linguística. Sou Licenciada em Pedagogia e Direção Escolar, formada em Artes Industriais e Especializada em Madeira. Essa é a minha apresentação aí. Você quer a parte também profissional.

DTL: É a sua trajetória profissional, aqui no Centro Paula Souza e na Etec. Antes e durante o período que você esteve aqui frente a da escola. Eu sei que você exerceu vários cargos e se você pudesse contar um pouco para a gente dessa sua trajetória.

LTROA: Certo. É! Eu iniciei aqui na Fernando Prestes em 1982, quando a Fernando Prestes ainda se chamava Escola de Primeiro e Segundo Graus Fernando Prestes. Era uma escola do estado e aí quando foi em julho de 82 ela passou para o Centro Paula Souza e nós fomos contratados como professores indeterminados. Eu vim a dar aulas aqui de Português, nesse momento. Aí quando foi 4 anos depois eu passo a ser coordenadora, da parte... do núcleo comum, da parte de... antes ela era dividida em exatas, humanas. Então eu passei para a parte de humanas e fiquei 4 anos como coordenadora e depois em dois mil e... final de 1992, passei pela eleição e fui contratada como... passei por uma votação, eleição e consegui o maior número de votos, porque até então não era assim, antes era o diretor que definia uma pessoa mais do encargo de confiança dele, mas nesse momento, o Centro Paula Souza, o professor Elias Orani, definiu que seria o diretor da escola quem tivesse o maior número de votos da comunidade. Então eu ganhei por 1%. Engraçado porque eu não entrei para ganhar, eu entrei porque pediram, porque tinha que ter três, uma lista tríplice e eu entrei, dali acabei me envolvendo tudo, mas quando eu vi que era uma briga, porque nós não estávamos muito acostumados com essa democracia, primeira... segunda eleição aqui, então a gente não tinha muita dimensão das coisas, aí teve as partes e acabou culminando nisso, né. Foi bonito até! Eu ganhei por 1%, aí no dia seguinte da eleição esse superintendente falou: - não, ganhou, levou, né! (risos). Aí eu falei: Meu Deus, o que que eu vou fazer agora? Eu me sentia tão pequenininha diante de 9.000 metros quadrados da escola. Falei, Meu Deus, que loucura que eu fui fazer. Mas, você assumiu uma coisa, você tem de levar para frente. E, eu pensei, mais no início, em fazer mais a parte pedagógica, que era o que eu gostava, né, que eu conhecia mais. Mas, de repente eu me apaixonei por aquela parte administrativa, e aí eu fui aprendendo muito, eu estudei muito e muito sobre administração, sobre como estar à frente de um time, e as coisas foram dando certo, foram dando certo e as pessoas foram agregando. Nós não tivemos problemas, quem votou em fulano agora não ajuda. Isso foi muito gostoso, porque a gente teve a camaradagem do pessoal que queria ajudar vestiu a camisa, não importava se tivesse votado nesse ou naquele, sentiu que precisava mesmo, porque a gente passava por um problema sério na parte de.... (pensando) como chama aquele... a Acidália, como chama o cargo dela mesmo?

DTL: Coordenador pedagógico.

LTROA: Coordenador pedagógico. A gente tinha um coordenador pedagógico que, por causa de problemas pessoais, as pessoas já excluía. Então eu cheguei para São Paulo e falei: - olha, nós estamos tendo esse problema. Ela falou, você já sabia desse problema quando você se candidatou. Eu falei, já. Então você quis administrar, administre. (Risos) Aí quando ela falou isso, aí foi ótimo, porque eu tomei uma definição, conversei com a pessoa, porque na

verdade o pessoal estava pressionando para que ela saísse mesmo. Conversei com a pessoa e disse, você tem de resolver. Ou você se afasta ou faz alguma coisa, né. Porque não tinha como segurar isso. Era uma coisa muito assim... a escola era muito agitada com aquela situação. Daí foi, ela se afastou dois anos. Mas isso foi problemático para mim porque eu tive de assumir tanto a direção quanto a coordenação pedagógica e foi bom e foi ruim. Foi bom no sentido que daí eu dominava o que eu queria, eu tomava conta daquilo. Ruim porque eu precisava de gente ajudando. Mas eu tive muita sorte com o grupo de coordenadores, porque eles... nossa, vestiram mesmo a camisa, cada um foi para a sua área e isso facilitou bastante. Daí cada um cresceu...

DTL: Dentro do seu âmbito.

LTROA: Isso, não tinha para quem recorrer e eles tinham que resolver as coisas. Então foi assim, assim bem gostoso. Aí depois, de dois em dois anos, naquela época a eleição era de dois em dois anos, e de dois em dois anos havia uma nova eleição e aí eu fui até 1991, 92... não até 2000, né, porque eu passei por quatro eleições, até o ano de 2000. Aí eu achei já por bem que estava cansando, que precisava mudar mesmo a administração. Daí você já vai vendo mesmo que tem outras pessoas que queriam, que está precisando. Você fica muito na zona de conforto, então aí eu resolvi não me candidatar mais, né! Aí entrou o Koritiake.

DTL: Houve essa troca? Houve essa mudança? É, você também nessa época, que também é o foco da nossa pesquisa, havia três cursos aqui na escola. Havia outros, mas os três cursos, de Secretariado, Contabilidade e Processamento de Dados, quais são suas lembranças nesse sentido? Você foi professora, você tinha parceiros, como eram essas equipes, enfim, o que você pode contar para a gente sobre isso?

LTROA – Olha, o que eu me lembro, o Secretariado e Contabilidade foi criado em 85, mais ou menos 85 e eu dava aula nesses cursos. O de Processamento já foi criado em 88, né, em 88. Aí quando ele foi criado, eu não me lembro...foi criado o técnico junto com aquele outro modular.

DTL: Então, me parece que tinha o integrado, mas também tinha o modular. O modular parece que era a noite, pelo que o Bruno deu o depoimento dele, e de manhã tinha o integrado.

LTROA: Ah! É isso que eu tinha dúvida. É, na realidade foi o primeiro curso modular, pelo menos pelo que ele comentou, era o único curso modular que tinha e os outros eram integrados, foi isso que nós entendemos. Não sei se é isso mesmo? É, tinha isso mesmo.

Tinha essa dúvida mesmo. Mas eu lembro que quando eu entrei a gente já fazia esse vestibulinho para o modular. Já tinha esse modular e nós chegamos, nossa, até 1200 inscritos para 40 vagas.

DTL: Sim, o Paulo Camargo, que foi funcionário que comentou, que teve uma demanda muito grande.

LTROA: Nossa, São Paulo parabenizou. Nossa, a escola é longe e vocês conseguiram ter grande demanda. Então o que precisava, investir nesses cursos. Nesse curso principalmente, porque nós começamos com 4 XTs, e quando eu peguei aqui a gente tinha muitos poucos computadores. Aí nós pegamos, investimos muito. É interessante porque a gente investia por área. Então, nós conseguimos, por exemplo, precisa de computador para informática, o Bruno ia lá, fazia rifa, arrecadava dinheiro.

DTL: Então era diferente de como é hoje que vem verba do Centro Paula Souza, ou naquela época também havia isso e não era suficiente.

LTROA: Não, não era suficiente. Que eu me lembre mesmo do Paula Souza, enquanto eu estava na direção, acho que nós recebemos 10 computadores, no máximo. Daí o que nós tivemos, em 84 a gente teve aquela mudança, que o Paula Souza encampa 82 escolas. Então o que aconteceu conosco? Nós que éramos do Paula Souza perdemos. Já não tinha uma verba significativa, mas aí diminuiu mais. Então o que que a gente tinha... verba apenas para manter a escola, para manter a limpeza. Nós tínhamos pouquíssima verba para a manutenção. Principalmente a área de informática que precisava muito.

DTL: Bastante investimento.

LTROA: A gente não tinha. Então tinha que ser mesmo arrecadado dinheiro. A gente tinha uma boa colaboração dos alunos, porque via também, via que computador era comprado. Via que o laboratório... nós improvisamos muito, é... fizemos mesas de porta, assim, para poder colocar os computadores. Nós não tínhamos essas mesas bonitinhas, todas arrumadinhas, mas a gente tinha os laboratórios prontos.

DTL: E quem fazia isso eram pessoas terceirizadas, ou tinha um setor dentro da escola?

LTROA: Na escola, nós conseguimos muita colaboração, o professor Bassi, ele fazia toda a estrutura em metal Metalon e ele fazia o Metalon, punha ali a madeira. Ele era super

caprichoso, então fazia e ficavam ótimos os laboratórios. Não modernos, mas estava pronto para ser usado, né. Então o curso de Informática, ele foi um curso que ele cresceu bastante, cresceu até por conta da coordenação que foi assim bem... dos professores. Eu me lembro que eu pedindo para eles ensinarem Excel para os alunos e (risos) hoje já entra, né, já nem precisa.

DTL: Hoje, já entra sabendo muita coisa, né? (risos)

LTROA: Porque nós não tínhamos os softwares, softwares? Era muito caros na época. Hoje a licença é mais fácil. Então se conseguia um professor que trazia, senão você não conseguia ter nada, não consegui das nada para o aluno, porque não tinha né, não tinha como comprar. Tinha que ter muito apoio da comunidade escolar, dos professores, dos pais para conseguir arrecadar, né.

LTROA: Isso, a gente conseguia.

DTL: Tinha uma união maior?

LTROA: Não sei se era maior, era uma união por causa da situação, né. Aquela família que precisa do dinheiro e todo mundo colabora. Porque realmente, se nós não tivéssemos unido aos professores da Fatec. Eles mandavam coisas para nós, as vezes até os alunos usavam os laboratórios deles. Se não tivéssemos unido, não teria conseguido fazer essas coisas. A gente não tinha dinheiro mesmo, a Sônia mostrava, olha chegou isso e esse mês dá para arrumar, tal, tal computador, mas não dava. (problemas gravação) Também nós tivemos assim, conseguimos conversar com os funcionários e conseguimos que eles ajudassem na parte da manutenção. A gente não tinha toda essa gente, que cuidava do laboratório, não tinha essa estrutura toda do Paula Souza. Algumas pessoas comentam que esses lampiões (dispostos no centro de memória) tinha problema de energia aqui. Você lembra disso?

LTROA: (Risos) Isso, porque a gente não tinha... quando eu assumi, eu tentei pôr as lâmpadas de emergência, porque muitas vezes, a gente tem escola noturna, muitas vezes a gente tinha que passar por essa situação. A gente localizou eram caras na época, bem caras e aí a gente tentou fazer nos pontos principais que pudesse ajudar o aluno a estar caminhando, ou pelo menos ele sair da escola e a gente conseguiu. Esse foi um dos primeiros projetos nossos, a iluminação de emergência. Hoje acho que já é benfeita, tem mais recursos.

DTL: Hoje parece que feita essa estrutura, inclusive com a colaboração dos alunos de Segurança do Trabalho. Me parece que... eu tive conhecimento que os alunos de segurança do trabalho fizeram mutirão e instalaram a parte toda de segurança. É, foi uma... mas o pessoal que já deu entrevista comenta dos lampiões, até por causa da região, por que a escola ficava numa região isolada. Hoje não, hoje está agregada à cidade. Era uma escola mais isolada, então...

LTROA: Ah, sim!

DTL: Por causa disso acabava tendo alguns problemas de energia.

LTROA: Que bom!

DTL: Mas, em relação aos outros dois cursos, você tem alguma lembrança, como era?

LTROA: Então, o Secretariado que eu me lembro que a gente ainda usava as máquinas de datilografia e foi uma briga para eu conseguir tirar essas máquinas, porque eles achavam que precisava usar a máquina de datilografia. Eles não queriam abrir mão.

DTL: Eram máquinas como essas daqui (máquinas que estão no Centro de Memória), porque nós estamos fazendo um trabalho de identificação de alguns objetos daquele período, né! Então temos algumas máquinas que estão recolhidas aqui. Essa (uma máquina elétrica) nos foi informado que veio do DP (departamento pessoal), mas aquela ali (uma máquina analógica) nós temos uma foto que mostra um laboratório cheio de máquinas de escrever, semelhantes a essa daqui.

LTROA: Essa, eu acho que sim, aquela eu não me lembro. Acho que já não usava. Mas foram desse modelo. Então eu me lembro que a gente lutou, lutou... pegamos computadores velhinhos que já não se usava mais no... pusemos na outra ala lá para que o Secretariado pudesse usar, e uma resistência enorme, mas teve essa resistência, não sei o porquê até hoje... é tão bom você crescer. Até que veio o professor Marcos Monteiro, que era Superintendente do Centro, em 1998, por aí, nem sei 98, e ele falou, ficou horrorizado (risos). Ele falou... Nossa, Leila, você não ficou chateada, não fiquei feliz, porque eu estou cansada de pedir, de pedir que sejam substituídas. Aí elas foram se substituindo devagar, e fui tirando e eles foram aceitando bem.

DTL: Foi fazendo essa transição, essa mudança, porque realmente há uma necessidade tanto da área de Secretariado como Informática essa necessidade de tecnologia...

LTROA: É, ela ajudava nessa parte de digitação, mas já não cabia mais. Você ter computador, a gente já tinha 286, 386, não tem por que ter uma máquina de datilografia, ficar corrigindo, batendo de novo, não tinha cabimento. Então eu lembro bem dessa parte. E na parte de Contabilidade a gente tinha lá alguns professores que tinham bastante experiência na OSE (Organização Sorocabana de Ensino) e vieram para cá, então foi um curso que ele não deu trabalho assim nesse sentido, porque o pessoal que trabalhava era competente, mesmo no Secretariado, né. De Contabilidade o Edson Stefani, a Benedita, a Glória, eram pessoas que trabalhavam no Aquiles, que também... um pessoal que já eram professores com uma certa experiência de mercado e ajudou bastante para a gente.

DTL: Além de diretora você ministrou aulas. Dentro do contexto social, econômico e tecnológico, você até falou um pouco para a gente dessa questão da tecnologia, da resistência e também da necessidade do curso de Informática (Processamento de Dados) que era um curso novo que estava chegando para atender uma demanda do mercado daquele período, mas tem alguma outra informação relacionada a contexto social ou tecnológico que você se lembra?

LTROA: Eu me lembro que era uma época ,que eu não sentia um Brasil, ou Sorocaba, é assim muito problemática, eu sentia assim que a gente estava crescendo todo mundo junto, o Brasil sabe, eu não sinto, eu não lembro, como agora essas crises, ou a gente ia crescendo, ou a gente exigia menos, eu não sei, mas eram um Brasil assim: -nós tivemos na política o Fernando Henrique, com o Plano Real na época e isso ajudou muito e dava aquele entusiasmo, aquele otimismo. Então a gente via a clonagem daquela Ovelha, aí 90..., tivemos o *impeachment* do Collor, o presidencialismo. Eu acho que foi uma fase assim que parece que o Brasil era mais jovem, ele era assim, mais dinâmico e a gente não tinha tanto medo, a gente tinha esperanças nas coisas e eu acho que essa parte ajudou muito. A gente não tinha aquele aluno desanimado, aquele aluno com medo de não ter emprego, não tinha uma vida razoável, ganhava-se razoavelmente bem naquela época. O Centro Paula Souza pagava 3 (três) vezes mais do que o Estado, então o professor era muito satisfeito. Ele vinha para cá com aquele número de aulas e compensava. Então era uma época muito gostosa, a gente não via ninguém reclamando da vida, ou a gente que era mais jovem (risos). Era muito bem mesmo.

DTL: E assim as pessoas contam e a gente também vê várias fotos desse período que você esteve à frente da direção. Houve vários eventos, semanas, é, enfim, como era isso, como era essa dinâmica? Por que que isso acontecia? Você vê essa dinâmica atualmente, ou isso mudou, está mais acelerado, mais lento? Como você vê essa questão e como isso acontecia nessa época?

LTROA: Então, nessa época nós tínhamos o Projeto Educação Técnica. Quando eu entrei aqui, nós tínhamos que divulgar a escola, porque, porque a gente dependia desses alunos. A escola estava precisando, de novo, ser conhecida pela comunidade. Embora ela fosse uma escola já de muitos anos, ela não era uma escola que... a história dela não estava viva na memória das pessoas... sabe? Ela foi uma escola que teve o Centro Interescolar antes de passar a ser Fernando Prestes, esse período acabou assim um pouco com a história da escola, porque, ela deixou de ser uma escola técnica e não deu certo esse projeto de ser Centro Interescolar, porque eu conversei com o prefeito da época, o Dr. José Crespo e ele falou que não deu certo porque faltou verba. O correto era o aluno vir de ônibus de ida e de volta e fazer o curso dele de manhã ou a tarde e viria para cá e faria a parte técnica, mas não teve condições de manter esse projeto. Então acabou esse projeto e passa a ser uma escola de primeiro e segundo graus, e aí com o Paula Souza em 82 recomeça os cursos técnicos. Então nós tínhamos que divulgar que era uma escola técnica, chamar aluno, mostrar que era uma escola boa, que tinha todas as condições para eles terem emprego. Os cursos e divulgação dos cursos e começaram com Mecânica, Construção Civil, e depois Contabilidade e Secretariado e depois Processamento de Dados e mais tarde foi para curso de decoração, de segurança do trabalho, isso já mais para o final da década de 90. No começo, a gente fazia assim... o que era o projeto Educação Técnica? Era assim, o ano inteiro cada área fazia os seus projetos e a exposição acontecia em outubro, e nós fazíamos uma abertura dessa exposição, chamávamos quem fosse possível da imprensa, prefeitura, autoridades, fazíamos uma abertura e ficava, as vezes três dias, as vezes uma semana aberta a escola para que todas as escolas de primeiro grau viessem visitar. Muitas vezes nós alugamos ônibus, conseguimos ônibus da Fatec para levar e trazer alunos de outras escolas, e a gente conseguia assim, cada ano foi melhorando, cada ano mais gente vinha.

DTL: E como você vê isso hoje? Por exemplo, existe uma dificuldade muito grande, a gente está em período de vestibulinho e existe uma dificuldade grande de divulgação, de ir em busca de aluno e tudo mais, e assim, você vê isso mais..., não sei se a gente pode dizer assim, como um excesso de demanda, não, excesso de oferta de cursos, ou falta, não sei se a gente pode chamar assim de falta de empenho, de projeto, enfim, para trazer essa visibilidade, ou nós temos hoje... na época tinham poucas escolas técnicas, Rubens de Faria e Fernando Prestes,

hoje nós temos só em Sorocaba três, mais as da região, mais as classes descentralizadas, então a oferta é muito maior. Claro que a gente também tem uma população muito maior, mas como você vê assim esse contexto hoje?

LTROA: É diferente, é diferente, porque antes a gente tinha assim, você chegava em uma escola de primeiro e segundo grau e você tinha acolhimento, os professores ajudavam, acompanhavam os alunos para vir, então tinha esse... era como se a escola fosse uma novidade para a época. Então os alunos vinham, viam tudo o que tinha na escola, os pais ficavam encantados de ver. Essas exposições acabavam assim... tendo bastante repercussão, a gente investia muito na propaganda da exposição. Eu me lembro que as vezes eu passava a noite fazendo textos para mostrar e para divulgar mesmo. Com a imprensa você consegue espaço, mas você tem de fazer a matéria, porque se você fala eu tenho uma matéria, ninguém vai sair correndo fazer a matéria, então a gente tinha também esse prestígio, mas também a gente tinha muito empenho em fazer, a gente tinha facilidade... o Carlos Corrá por parte do Cruzeiro do Sul. A gente tinha muita abertura no Diário de Sorocaba, rádios, a gente procurava divulgar isso, mas eu acho que as coisas foram se amortecendo, elas foram ficando diferente, talvez pelo excesso de demanda e a escola técnica não passou a ser tão mais uma coisa, uma joia. Era uma época que era muito difícil passar no vestibulinho e, também, tinha muita gente que se inscrevia. Eu lembro que no último vestibulinho nós tivemos mais de cinco mil inscritos e isso levou a gente a ser o sexto lugar no Paula Souza e elogios de São Paulo, porque a nossa escola era uma escola mal localizada e que o aluno procurava pela qualidade de ensino. Então a gente passou a ser uma referência mesmo assim, pela equipe né, os professores empenhados. Enquanto isso vai acontecendo as pessoas vão ficando mais empenhadas, vão fazendo mais por aquilo, né... então... a gente chegou no auge da excelência, que era a nossa proposta. O Paula Souza queria isso, que era uma época que ele também estava crescendo. A gente estava crescendo junto com o Paula Souza e ele dava curso para nós, eu cheguei a fazer congresso em Minas Gerais. Eles pagaram para a gente, para a gente ter, para a gente ser referência, e a gente acreditava. Eu lembro uma vez que eu vim de lá de um congresso, fiz a minha palestra lá na escola e aí a Arlete falou: Congratulations Leila (risos) mas é que eu acreditava, eu passei aquilo que eu acreditava e eles também se emocionaram e se envolveram.

DTL: Esse envolvimento, esse carinho, esse empenho, isso ajudava?

LTROA: Isso ajudava, fazia a pessoa fazer a parte deles. Aí quando você vê que o time está ganhando é mais fácil né, você vê que o time está ganhando, você entra junto. Quando você vê que as coisas vão murchando, o ser humano é assim, vai decaindo junto, sobe junto. Mas

então era um tempo assim muito gostoso, a gente fazia mesmo. Eu me envolvia nos desfiles, a gente participava de tudo. Não ter o assistente pedagógico me ajudou nesse sentido, porque daí eu me envolvia na parte administrativa, pedagógica, tinha ótimos funcionários, a escola também era muito organizada, então eu nunca tive problema com a organização da escola. Eu entrei numa escola organizada e mantive isso, porque quem estava aqui estava acostumado a trabalhar bem.

DTL: E assim, essa estrutura administrativa, quem eram? Você tem lembrança dessa equipe, ou de alguns nomes que pudesse relatar para a gente.

LTROA: Olha, não mudou muito. Na minha época foi a Ana Maria que dirigia a secretaria. Aí a gente tinha o departamento pessoal que era a Eloisa que acabou saindo, mas ficou gente da equipe dela a Lindinalva, né. Então, não houve muita mudança e quem continuava, continuava o trabalho do outro do jeito que era. E a gente admirava muito, porque eu trabalhava no Estado e trabalhava aqui, e eu sentia uma diferença enorme de organização, aqui era um exemplo. Se precisasse de papel, de alguma coisa, você não tinha problema nenhum. Então... era uma escola. A Sônia Gonelli já fazia parte, a importância dela, porque ela conhece tudo e é supercompetente no que ela faz, então era bem assessorada. Tinha uma assessoria boa nesse sentido? Boa, então não tinha o que reclamar. Pedia alguma coisa, o pessoal sempre disposto fazendo. Uma parte também, uma parte boa também, nós não tínhamos tão pouco administrativos. A gente tinha um bom número de serventes, bom número de inspetores de alunos, então era uma estrutura boa.

DTL: Uma estrutura mais adequada do que é atualmente. Mais do que está atualmente, atualmente a gente tem muito pouco

LTROA: Daí com o tempo eles foram diminuindo. Foi diminuindo o número. Eles melhoraram na parte de laboratório também. No final da minha gestão tinham 3 ou 4 pessoas que atendiam o laboratório de informática, nessa parte era muito bom o Paula Souza. Eu acho que é até hoje, mas ele era mais eficiente. Sabe, a escola era menor e a gente tinha mais condições de trabalhar.

DTL: De trabalho para manter essa organização, essa estrutura funcionando de forma mais adequada.

LTROA: Exatamente.

DTL: Bom, nós falamos sobre os equipamentos, sobre a estrutura... é, o perfil dos alunos. Como você via essa questão de perfil, demanda, evasão? Você já comentou um pouco sobre os pais, da participação dos alunos, mas você poderia acrescentar mais alguma coisa para a gente em relação a isso?

LTROA: Olha...os alunos eu não vejo assim muita diferença de nível, por exemplo. Eles eram mais ou menos classe média, classe média baixa, esse mesmo perfil, já tinha vestibulinho, então esse aluno assim mais interessado, mais interessado na escola, então para dar aula aqui o pessoal adorava porque a diferença era enorme de interesse do aluno, então eu não vejo... A parte de evasão eu não lembro de ter tanta evasão, eu acho que ela era bem menor.

DTL: E você acha que isso se deve a algum fator, a alguma coisa específica?

LTROA: Eu acho que até é a vida mesmo do jeito que ela está hoje, o aluno as vezes precisa sair, porque ele precisa do emprego, ou ele precisa sair porque ele mudou de cidade, então eu não lembro assim da gente ter...

DTL: Era uma vida mais estável?

LTROA: Exatamente, era bem mais estável então ele permanecia. Ele começava o curso, ele terminava o curso. A gente tinha pouca evasão. Tinha evasão, mas não tinha assim uma evasão... Hoje a gente começa o curso dali a pouco você vê 10 alunos que saíram, né! Isso não acontecia.

DTL: Naquela época tinha uma estabilidade maior.

LTROA: Não, no final dois ou três alunos, agora os cursos de quatro anos que mais deram trabalho foi o de Mecânica

DTL: Então havia cursos de 4 anos, por que normalmente os cursos eram integrados de 3 anos, então tinha cursos de 4 anos?

LTROA: De 4 anos. Então esses cursos de 4 anos que muitas vezes o aluno não era obrigado a fazer os 4 anos e saía no terceiro ano, mas então aí que ficava mais a evasão, porque muitos saíam no terceiro e com o terceiro ele já pegava o diploma acho que do Ensino Médio mesmo.

DTL: Médio técnico?

LTROA: Não, não chegava a ter da área técnica não, mas na época pegava, acho que o segundo grau que chamava. Então tinha esse, porém, que no curso de Mecânica e Construção civil tinha isso. O Secretariado e Contabilidade já não.

DTL: E esses eram integrados também? Secretariado, Contabilidade e Informática? Informática também, em outros depoimentos, em outros relatos foram falados que o curso era oferecido assim por semestre. Eram cursos extracurriculares, é... como que era isso. Você tem alguma lembrança?

LTROA: Por semestre?

DTL: Por exemplo o curso de Auxiliar de Escritório.

LTROA: Ah, tá! Esses eram cursos de primeiro grau, que eram aluninhos de 12 ou 13 anos que vinham para Auxiliar Administrativo, eu tive até um sobrinho que fez esse curso de seis meses. Era nesse curso que eles ainda usavam as máquinas, aí que o secretariado... aí que eles usavam essas máquinas de datilografia. (risos) Mas eles eram cursinhos bem... eles vinham, era feita a seleção pela chegada de alunos. Então... tal dia vai ter inscrição de tal curso. Então vinham os alunos e os primeiros que chegavam, pegavam essas vagas, e eram esses meninos... era interessante isso. Tinha bastante procura.

DTL: Bastante procura por esses cursos!

LTROA: Tinha. O aluno já vinha, porque o pai não gosta de deixar a criançada na rua, então já vinham...

DTL: E esses cursos eram oferecidos a noite? a tarde?

LTROA: A tarde. Da uma às três ou da uma às quatro.

DTL: A escola assim, em relação a comunidade escolar, é a comunidade escolar não, a comunidade da cidade, havia eventos diferentes da prática pedagógica. Você se lembra de algum evento, do espaço da escola ser utilizado para outras atividades ou só atividades pedagógicas mesmo.

LTROA: Olha, quando eu fiquei aqui na direção eu ajudava muito o pessoal que fazia teatro na cidade, então eu era bastante criticada porque eu abria a escola de final de semana e o pessoal ficava louco da vida. A Sonia Melo pegava no meu pé direito, mas eu achava importante, porque estando aqui, fazendo, e eles faziam mesmo. É lógico que tinha problema, eles usavam o banheiro, sujavam o banheiro. Algumas coisas que eles faziam, que jovens não tem como, mas eu achava superimportante. Tivemos assim, tivemos alguns retornos, porque muitos alunos acabavam fazendo aquele curso. O Mario Périco apresentou várias peças aqui na escola, então eu acho que isso era importante.

DTL: Tinha um trabalho que envolvia a comunidade, a cidade. Isso é um ponto interessante, porque a gente as vezes vê a escola só como algo focado no pedagógico e essa participação perante a escola a cidade.

LTROA: Nossa, eu entendia, mas o pessoal que trabalha ficava louco porque tinha que limpar na segunda-feira. Mas tem coisa que não dá, até para algumas igrejas que pediam a gente emprestava. Aí a escola começou a crescer, a ter aula sábado aí já não dava mais. Mas a gente fazia essa parte. E nós tivemos um projeto muito interessante, que foi a “Cultura vai a escola”. O que é a “Cultura vai à escola”. A cultura vai a escola, eram cinco escolas, quatro da prefeitura e uma, como meu marido trabalhava na... como chama?... na cultura, na Secretaria de Cultura, isso, então pusemos a Fernando Prestes. Então foi feita uma parceria com a Fernando Prestes e nós tivemos grupo de danças que a prefeitura dava para a gente o professor e nós ajudávamos os alunos a comprarem as fantasias, tudo, no grupo de danças folclóricas. Então a gente teve dança do pau de fita, várias...

DTL: Então aquelas fotos com o pessoal caracterizado...

LTROA: Era um projeto de um ano. Esse projeto foi muito bom, até São Paulo elogiou. Falou: - nossa, que trabalho maravilhoso. Realmente, eles tiveram aulas de dança de graça e ele vinham, levavam a sério e a gente ajudava a comprar. Era complicado era, porque não tinha dinheiro, mas os pais ajudavam a comprar, a APM ajudava e nós fazíamos as fantasias. Tinha grupo de teatro e nós apresentamos no Teatro Municipal. Foi muito bonito!

DTL: Era um grupo de teatro com alunos da escola?

LTROA: Alunos da escola, do ensino médio e técnico junto. A noite participavam menos. Depois nós tivemos o grupo de dança, nós tivemos o coral que vinha a professora, ensaiava, aí durante as festas aqui, tivemos muitas festas aqui, e entre as outras escolas que

participavam, cada mês era em um lugar. Então eles apresentavam o coral, a gente teve o teatro, mas... a parte esportiva.

DTL: Tudo isso acabava impactando na parte pedagógica?

LTROA: Nossa! Daí eles queriam, também era uma parte de chamar aluno. Eles queriam vir para cá porque tinha isso.

DTL: Porque tinha essa parte cultural.

LTROA: Dança, teatro e aí o desfile e fanfarra. Nossa fanfarra assim, nossa! Aí dávamos o instrutor, e a gente dava... nós viramos e compramos todos os equipamentos. Meu sonho eram as arpas, nós compramos as arpas, nós compramos tudo que era assim necessário para ter o mínimo de uma fanfarra. Nossa a gente teve.

DTL: E essa fanfarra | não existe mais?

LTROA: Eu acho que ainda... eu não sei o Paulo andou... na época do Koritiake eu lembro que tinha a Fanfarra. Depois o Paulo foi mais para o lado da banda, agora eu não sei como está: - os instrumentos, porque era sempre trabalhoso, ficar em cima deles para guardar instrumento porque se vai para a casa não volta mais. Aqui a gente se empenhou muito. Nós tínhamos um instrutor que já morreu, o Hudson, e o que eu pedia para ele, ele fazia. Eu falava Hudson eu quero tocar em frente o palanque o hino da independência, era uma belezinha sabe! Nós vamos fazer a abertura da Etec lá no tal lugar, ele organizava e o pessoal também que estavam na fanfarra e a APM colaborava. A gente conseguiu em um ano ter essa fanfarra. A primeira vez que nós saímos nesse projeto, nós fomos sem fanfarra. A gente saiu... do Getúlio Vargas... nós fomos na frente do Getúlio Vargas, quer dizer, tocava para eles e tocava para a gente também (risos). Nós fomos estratégicos e daí foi assim... Daí até saiu no jornal... escola tal... foi bonito... embora sem a fanfarra (risos) aí isso foi uma morte. Aí até que foi bom, porque no outro ano.

DTL: A fanfarra quis fazer a diferença (risos)... (problemas com a gravação)

LTROA: Éh! Porque esse projeto foi muito maravilhoso... a gente fez um desfile temático uma vez, sobre a industrialização.

DTL: Nossa! Que coisa bacana!

LTROA: É, então, a gente fez sobre a industrialização, porque... porque eles falaram vocês podem escolher o tema... cada escola, Bierrembach, escolheu um tema e eu falei vamos escolher a industrialização e conversando com os coordenadores nós chegamos a uma conclusão de que a industrialização era ideal para nós. Aí nós fizemos todo o levantamento de Iperó, da cruz de ferro, aí o Sr. Bassi fez tudo para nós, a cruz de ferro, nós temos lá na sala de Português, tem as fotos desse desfile. Esse desfile, aí nós conseguimos um Ford 29 emprestado, colocamos as pessoas vestidas com aquilo... É as pessoas faziam as coisas acontecer, empenhado, entende. Nós fizemos um carro alegórico da indústria têxtil. O Toto (loja de tecidos da cidade) emprestou para a gente os panos... ficou muito bonito esse carro alegórico. Teve um aluno que fez um desenho com as fábricas de Sorocaba. Nossa e superinteressante... e como é o nome dele... do teatro que decorou para nós todos esses quadros, é um artista o... como que é o nome dele... Meu Deus do Céu...

DTL: Mario Pérsico?

LTROA: Não, é outro menino que é nosso aluno... Meu Deus do Céu... eu vou falar para você depois porque eu esqueci... é... então... é o Ary... Ary Marçal, ele fez todos os quadros, desenhou a enxada, porque tinha fábrica de enxada, os chapéus que tinha na época, ele fez a cruz de ferro vindo com um carrinho que seu Bassi fez e o pessoal com as roupas do grupo folclórico, já tinha as roupas mesmo. O Divanil saiu nesse desfile.

DTL: Sim, ontem eu estava vendo exatamente essas fotos com as alunas que vieram fazer uma visita aqui. Exatamente essas fotos e perguntaram o que era isso e eu disse: acredito que é um grupo de dança da escola, mas não sabia todos esses detalhes para passar para elas.

LTROA: Então, daí ele foram... fizeram... foram com a roupa típica e ficou tudo bonito, porque as fantasias eram bonitas mesmo, né! A gente pagou, tudo... Depois acabou se perdendo, mas depois acabou se perdendo né, por que não entrega né...

DTL: Dessas fantasias não tem mais nada?

LTROA: Não tem né, eu ia atrás no começo, mas depois foi se perdendo, depois eu deixei... depois eles usavam, pode ser até que tenha alguma coisa, mas aí... entende...

DTL: Seria interessante a gente ter uma amostra disso aqui no Centro de Memória.

LTROA: Verdade, mas é bonito... Então esse desfile temático que a gente participava que era o desfile do tropeiro, que Sorocaba tem essa tradição. Daí os outros anos a gente já ia com a fanfarra. Nós fomos melhorando a nossa fanfarra, aí a gente começou a competir com os outros (Risos). O vereador disse para mim, Leila, você vai morrer, morrer em água funda, porque você não vai em água rasa. (Risos). Eu disse... é morrer... morrer... não... e que a gente gostava, tinha força, gostava do que fazia e tinha ajuda.

DTL: O pessoal se empenhava.

LTROA: Professor, administrativo, alunos, pais de alunos, mãe de aluno. Precisava levar em tal lugar, levava. Participava de coisas no Aquiles, os pais levavam. Nossa!

DTL: Tinha uma participação mais intensa das pessoas?

LTROA: Sim, principalmente dos pais. Eu consegui muito bem. Eles vinham às reuniões. A gente tinha 200 pais em uma reunião. Vinham e a gente mostrava, nós pintamos toda a escola com dinheiro da APM, porque a gente não tinha dinheiro. Acho que foi a gestão que teve menos condições, menos verba por causa das 82 escolas que foram incorporadas. Então tudo que a gente fez foi no sacrifício, mas foi assim também um auxílio. O pessoal dizia: vamos comprar computadores. A gente chegou a comprar vinte computadores, porque contou com os alunos do curso de Processamento.

DTL: Então os alunos tinham o empenho de ver a escola funcionando, de ter estrutura.

LTROA: Daí você mostrava, fazia mais alarde daquilo lá, aí eles se preocupavam em ajudar. Aí o Secretariado pegava a verba dele, comprava o que era da área dele.

DTL: Você lembra de algo específico voltado ao Secretariado, ou mesmo algo que eles faziam? O curso de Contabilidade... hoje na Contabilidade a gente tem a Semana de Contabilidade, o apoio que eles dão na declaração de imposto de renda. Nessa época, havia isso ou não?

LTROA: Olha, a parte de Semana de Contabilidade e Secretariado começou mais ou menos em 1996, mais ou menos a gente já começou, porque daí já começou... não... não foi bem em 1996. É! Foi em 96... com a mudança da lei, como vinha esses cursos, o perfil da escola mudou completamente. Então acabou o aluno que era empenhado, que ficava três anos aqui, que o pai vinha e via que a escola melhorou, porque ele ficava três anos então ele contribuía,

porque ele usava três anos. Aí acaba isso, porque nós temos agora os cursos de um ano e meio e nós tínhamos o Ensino Médio, né, nós tínhamos quatro turmas no Ensino Médio no período da manhã e esse ainda continua ajudando mais a APM e tudo, porque eles iam ter três anos e a escola continua com um bom nome de Ensino Médio, né, se destacando e tal. Então o Ensino Médio continua, mas o que que acontece, acontece que o técnico virou completamente. É uma outra realidade que nós vamos ter um aluno que vai ficar aqui um ano e meio, muitas vezes ele vai ficar um semestre, um módulo e talvez isso explique a parte de evasão.

DTL: A evasão... porque o ensino médio é um curso regular, que a pessoa precisa ter para completar a formação dela, já o curso técnico é um curso opcional, que a pessoa vem de boa vontade ou porque ela precisa para a atuação profissional, ou porque ela tem vontade de conhecer aquela área, mas não é aquela questão da formação obrigatória.

LTROA: É, não tem aquele compromisso, não gostou, ele sai. Então muda completamente esse perfil da escola, que começa em 1998 mesmo, na prática. Parece que a Lei é de 1996 e na prática ela começa em 1998. Nós vamos ter quatro cursos técnicos que foi uma guerra aí nessa transição, os professores não queriam, muita gente perdendo aula, e nossa, foi um período bem difícil para a escola, porque daí, eles achavam que a culpa era da direção, e nós não tínhamos nada a ver com a Lei. A lei veio, São Paulo chegou e falou: - quer, quer, quem não quisesse, eles obrigaram praticamente a gente ter Médio e Técnico. Uma ou outra escola não quis ter o médio, foi o caso de Tatuí, mas eles tinham mais força política, o diretor assim mais tarimbado para lidar com Paula Souza. Como foi mudado por parte do Monteiro, nós não tínhamos opção nenhuma, nem o Almério tinha força, nem a Laura Laganá, que já fazia parte naquela época, a gente não tinha força. Teve um protesto aqui em Sorocaba. As Etecs foram, mostraram para a cidade... foram na câmara... é moção que chama?

DTL: Isso, é moção.

LTROA: Fizeram uma moção na Câmara, São Paulo, aqui, os professores fizeram uma grande movimentação, mas de nada adiantou porque a Lei veio e quando a gente viu a lei tomou conta. Daí nessa época foi meio complicadinho, porque muita gente insatisfeita, perdendo aula, então as coisas começaram a mudar já, né. A gente não acreditava muito nesse curso de três módulos.

DTL: Antes eram cursos mais sólidos.

LTROA: Mais sólidos, então a gente não acreditava, o pessoal meio assim estranhando os novos cursos e não acreditando, aí o curso que amenizou um pouco foi ter o médio, mas os professores do núcleo comum que sempre teve, diminuíram bastante, mas ainda continuou, Português, Matemática, História, Geografia, alguns cursos ainda pegaram esses profissionais, mas teve um baque aí, um corte mesmo. Foi bastante sentido e isso toda aquela alegria, aquela motivação que a gente tinha, que vinha do ensino de três anos, o aluno se dedicava para a escola. Ele ia atrás, ele fazia, ele vendia rifa.

DTL: Havia um vínculo maior entre a escola, os alunos e os professores pelo tempo que os alunos permaneciam.

LTROA: Isso, você conhecia mais o aluno, você brigava mais, a gente tinha grêmio, coisas que foram acabando. Então... é... foi um momento feliz que aí foi acontecendo isso aí. Nisso começou a problemática da evasão, ficou maior aí. A gente não tinha tanto problema, porque se o aluno entrava para três anos, um ou outro ia embora.

DTL: Ele queria permanecer, porque conseguir uma vaga numa escola técnica para o ensino médio era algo difícil.

LTROA: Os alunos eram empenhados, eram alunos bons que queriam vir para estudar mesmo. A gente não tinha problema de aluno, de estar chamando pai assim. Tinha um ou outro aluno que dava algum problema, um desvio ali, mas a maioria eram alunos assim que ficavam do lado dos professores, que valorizavam o professor, então era muito gostoso de trabalhar. Aí o Centro Paula Souza quis mostrar para a gente que o melhor seria isso. Realmente, se você pensar assim num técnico mais rápido, um maior número de pessoas formadas, mas eles falavam que isso seria melhor para os alunos e mais barato para o Estado, mas a gente achava que não né, porque precisaria fazer, antes com três anos forma-se muito bem o profissional e do jeito que passou a ser seria um ano e meio do técnico e mais três anos do médio, então seriam quatro anos e meio, o que encareceria para o Estado. Mas eles vieram com esse discurso de que seria mais barato.

DTL: Seriam turmas diferentes, então o número de formandos...

LTROA: Isso, seriam turmas diferentes, nem todo mundo ia fazer o médio. Realmente, se você pensar que alguns vão fazer, os outros não, fica mais barato para o estado. Se você pensar que médio e técnico para todos, ficaria mais caro.

DTL: Ficaria bem mais caro, sem dúvida alguma.

LTROA: Mas aí eles vieram com esse discurso e foi difícil, mas explica o problema da evasão.

DTL: Da evasão e de um certo desânimo, comprometimento da equipe escolar?

LTROA: Daí o aluno chegava, muitas vezes ele ajudava na APM, mas aí já não ajuda, porque ele vai sair, então a gente teve bastante queda na arrecadação da APM e hoje eu nem sei como está, mas deve ser complicadinho.

DTL: Deve ser suado! Conseguir dar conta e fazer como você comentou, dar conta das roupas dos equipamentos mesmo de informática, equipamentos pedagógicos, enfim, isso acaba sendo bem complicado. Nós falamos bastante, mas da estrutura física da escola, mudou muita coisa, da época em que você...?

LTROA: Olha, na época a gente criou a sala de Português que até hoje permanece, nós criamos o laboratório de línguas que era para Inglês e Espanhol e acabou se perdendo. Não sei onde foram parar as cabines que nós compramos.

DTL: Então havia cabines?

LTROA: É na época que eu era coordenadora ainda do núcleo comum nós criamos com a professora Arlete, ela fez um projeto, para Inglês e a gente aproveitou para que essas cabines fossem usadas para Português e Espanhol. Elas ficaram, enquanto eu fui diretora a gente usou isso, passou para a biblioteca e depois disso eu não mais notícias dessas cabines. Os laboratórios, quando eu saí nós tínhamos dez laboratórios de Informática. Eu não sei hoje como são, mas a gente tinha chegado até o 386. Agora eu não sei como estão. E, mas a estrutura não mudou muito não.

DTL: Em relação a área da biblioteca já era como é hoje e os outros departamentos?

LTROA: Já era, a sala dos professores já era assim, porque ela é uma escola ampla e já tinha um número de classes suficientes. Eu não vejo assim muita diferença de estrutura física.

DTL: Em relação ao Centro de Memória, ou melhor, uma outra pergunta em relação a parte pedagógica. Você vê alguma mudança nas práticas pedagógicas ou documentos pedagógicos, registros que a gente faz hoje que eram feitos naquela época, ou não eram

feitos. Mudou alguma coisa nessa questão tanto de registros quanto de práticas? Você tem alguma lembrança em relação a isso?

LTROA: Esse NSA, as vezes a gente até reclama, mas eu acho, ele até bem mais completo, não escapa nada ali, porque você põe faltas, notas, facilitou muito. Você quer ver alguma coisa do aluno você vê na hora. Mas a gente tinha, os nossos registros eram naquelas cadernetas antigas azuis, que tinha aquela targinha do lado assim (demonstração) que a gente punha os conceitos finais, os semestrais das avaliações, pois elas eram semestrais, nós tínhamos no final do ano tinha o conceito final ou do semestre mesmo, dos cursos técnicos. Não, e a gente registrava matéria todo dia, chamada todo dia, chamada.

DTL: O mesmo processo.

LTROA: É, sempre a presença do aluno. Cursos presenciais, a presença é importante, mas lógico há um aprimoramento, nossa... eu comecei a informatizar a secretaria. Foram projetos nossos, do Vitória, daí meu marido até apresentou para a prefeitura, como ele foi para a prefeitura, ajudou na prefeitura, depois foi melhorado aí com esses projetos do Paula Souza, mas a gente, assim, começou a digitar os planejamentos, (risos), que eram todos manuais.

DTL: Dessa época você tem algum plano de curso, plano de curso não, plano de trabalho docente que, não necessariamente hoje, que você pudesse compartilhar com a gente, ou mesmo trabalho de aluno que você ache significativo?

LTROA: Então, eu conversei com a Paula, que é da parte de secretaria, ela falou que ela tem. Ela falou que não deu tempo dela me mostrar, mas ela tem lá os prontuários, o arquivo morto, tem muita coisa dessa parte de caderneta, o plano de ensino, o tipo de aluno do momento, que também não mudou muito, mas o tipo de comunidade que tinha naquela época.

LTROA: Isso tudo está arquivado na secretaria. Também para mim foi uma surpresa quando eu fui atrás e eles falaram que a secretaria que tem isso, que tem toda a grade. Se você quiser comparar com o secretariado da época com agora, que mudou. O Paula Souza, ele investiu assim em inovações. A gente vê as transversais, isso não tinha no começo.

DTL: Então não havia?

OBS.: Nesse momento houve um problema na câmera e ela parou de gravar, quando se percebeu o problema, iniciou-se uma gravação apenas de áudio para poder concluir a entrevista.

LTROA: Levar para São Paulo, seis escolas fariam parte do projeto, e aí a gente encampou isso, achou superinteressante. Foi um trabalho belíssimo. A Stela foi importantíssima nisso. Ela pegou alguns alunos, eles traziam os alunos aqui e vinham aqui e limpavam as fotos, limpavam com borracha, o trabalho foi assim muito minucioso e encaixotavam tudo, punham em papel manteiga (papel natural) e guardavam tudo. Então isso demorou, até que nem tanto pelo trabalho que era. Mas ela assumiu isso e ela foi até eu não lembro quanto tempo ela ficou, mas acho que ficou até o final do meu mandato mesmo, ela ficou trabalhando com essa parte, aí nós recebíamos esses arquivos, então foi tudo guardado.

DTL: Arquivos, caixas e todo esse material que nós temos no armário ele foi doado?

LTROA: Olha, eu acho que nós bancamos com a APM essa parte aí de borracha, essas coisas que precisavam. Isso eu não me lembro muito bem, mas eu acredito que a gente tenha, não lembro de ter recebido verba para isso. Aí ela começou, aí depois ela precisou de ajuda e entrou a Rose para ajudar, depois o Osvaldo. O Osvaldo mais assim na parte de fotografia, que ele fotografava os prédios em que nós tínhamos estado, fora da escola fotografia e eles faziam também muita coisa assim, fizeram assim como vocês entrevistas com alunos, com ex-alunos, fizeram transcrição das entrevistas, então foi um projeto mesmo e quem pegou, pegou mesmo para fazer, porque não era uma coisa fácil. Aí Graças a Deus vocês continuaram. Depois passou acho que a Renata Alves, a Ivani e agora você também já tinha passado.

DTL: Eu fiquei dois anos, no período de 2005 e 2006, junto com a Renata e com o Osvaldo, que o Osvaldo deu continuidade, e eu entrei no período em que a Rose e a Stela se aposentaram e eu entrei a convite da Stela. A Stela me convidou para dar continuidade ao projeto.

LTROA: Ah! É um projeto muito bonito e ainda bem que tem esse pessoal né. É uma coisa que o Paula Souza valoriza. Eu lembro que quando nós fizemos os nossos 65 anos, nós recebemos um elogio do professor Elias por ter comemorado os 65 anos da escola técnica, que a gente conseguia trazer prefeito. A gente fazia um auê em cima daquilo lá.

DTL: E esses eventos foram assim... nós temos algumas fotos aqui, relacionadas por exemplo... São Chás de Santo Antônio ou... porque tem um deles que tem o ex-prefeito Renato Amary, tem o Crespo.

LTROA: Esse é 70 anos.

DTL: Então foi 70 anos. E foi realizado fora da escola ou porque tem um que parece aparentemente que foi no Sorocaba...

LTROA: Não, foi no recreativo. Então, os 70 anos foi... os 65 anos ele foi realizado aqui na escola. A gente fez, chamou gente aqui, fizemos... foi bonito o chá, o pessoal também colaborava bastante. Quando foi nos 70 anos nós chamamos o pessoal para o Recreativo. Nós ganhamos o aluguel do Recreativo (Clube de Campo Recreativo) e a gente levou e aí esse daí foi assim, foi mesmo um evento que foram todos os políticos. (Risos) Todos, o Hamilton Pereira, no caso o Crespo que era deputado, o Amary, então foi assim um evento que... veio gente de São Paulo. Nossa, veio bastante gente de São Paulo, então a gente conseguia fazer, porque a nossa intenção, que era o que o Paula Souza queria, era que nós consolidássemos a figura do Fernando Prestes com a importância que ele tinha na cidade de Sorocaba e que se perdeu com o tempo e nós viramos a sombra do Rubens de Faria. Ah! que escola que é, a Rubens de Faria... quantas vezes eu vi gente aqui, Ah! muito obrigado pelo convite da escola Rubens de Faria (Risos). Aí a Stela ficava doente. Eu dizia, Stela calma, um dia nós vamos ser Fernando Prestes. Então a gente conseguiu isso, de certa forma a gente conseguiu, não foi fácil, uma luta, mas a gente conseguiu consolidar e mostrar que a escola técnica mesmo, isso por uma briga também, porque na verdade o Rubens Faria fez tudo, tudo para pegar isso aí. Então o Almério chegou para mim, eu nunca me esqueço, eu ia para Cancun viajar esse dia e ele chegou para mim e falou assim: Leila, nós vamos fazer esse projeto de Historiografia e tal e nós vamos pôr o nome de Fernando Prestes junto com... mas de jeito nenhum (risos)... eu falar isso... que louca! Eu falei para ele: vem aqui. Catei o Almério pelo braço e falei que que está escrito naquela placa ali está escrito o que: fundada em 1974, então não pode fazer parte do seu projeto de jeito nenhum (risos). Olha, eu não sei se ele fez de propósito ou de brincadeira, mas menina é difícil...

DTL: É difícil desmistificar essa questão.

LTROA: O Agasi ele fazia propaganda do Rubens de Faria e ele punha lá 1929, eu falava Luís isso aqui é propaganda enganosa, (Risos). Menina, olha era uma guerra. A Vera Carmona, não fez a pouco tempo, que deu uma briga com a Stela aí, com a Ana Maria e tudo.

DTL: Com essa questão da escola, nós, nesse período, quando fizemos aquela exposição lá do Extra, nós tentamos, fizemos um banner, exatamente mostrando as fotos com todos os prédios que a escola passou e um deles é esse do prédio que está escrito Fernando Prestes e isso está chumbado naquele prédio da Rubens de Farias.

LTROA: Ah, sim!

DTL: A escola está lá, mas a gente sabe que o prédio pertenceu a Fernando Prestes. Outra coisa interessante que nós temos é que tem várias placas de patrimônio Ginásio Industrial Estadual Fernando Prestes e isso está lá no Rubens, por exemplo, tem aquele cofre, não sei se você já viu aquele cofre, então aquele cofre está lá a plaquinha, Ginásio Industrial Fernando Prestes, não só isso, mas tem vários equipamentos de Mecânica, (Risos)

LTROA: A Stela brigava, ficava brava de ódio, era revoltada (risos) porque a gente gosta das coisas certas. Lógico é o justo.

DTL: Cada uma tem a sua história, são escolas irmãs...

LTROA: Nunca me esqueço o professor Elias Orani me chamou uma vez lá, quando eu fiz essa festa dos 65 anos, ele falou assim: a senhora ficou... o Rubens de Faria ficou com o seu prédio e a sua tradição, aí eu falei: - mas nós vamos reverter isso. (risos). Eu não sei, mas eu lutei pela identidade da Fernando Prestes, né. Até o Renato Landulfo que era de lá, falou assim: é Leila você conseguiu bastante coisa, porque agora vocês estão iguais a nós. Para ele acharem, que a gente estava igual a eles era porque a gente estava bem melhor. Porque para eles chegarem a falar isso é porque eles. Nossa eles achavam que eles eram a máximo e que a gente sempre era inferior. Eu falei, nossa que bom... na hora que falou que estamos iguais né!

DTL: Que bom ouvir isso! (Risos) Então você vê o Centro de Memória e encampou isso para realmente trabalhar a identidade da escola?

LTROA: Nossa, ajudou, porque a gente vinha, desde o começo da escola com essa história de projetar a escola e a gente trabalhou muito com o Cruzeiro do Sul, e eu tinha uma facilidade de escrever, então eu podia estar fazendo. Então quando chegou os 70 anos eu fiz a matéria, mandava a matéria pronta, então a gente fez muito em cima disso que era na época o Paula Souza também estava querendo se estabelecer como importante e tal, então ele queria que as escolas fossem marqueteiras. Vocês têm que ser marqueteiros e a gente tentou isso e isso

ajudou bastante e aí veio os documentos de que realmente aí eu falo até hoje na escola... gente a nossa escola é a mais importante (risos) e fizemos vídeo.

DTL: Ontem eu trouxe um grupo, porque muitos alunos não conhecem o centro de memória.

LTROA: Isso! Eles precisam fazer visita.

DTL: Veio um grupo de secretariado e, também, já veio um grupo de administração, enfim eles viram aqui e se admiraram com a história que a gente tem aqui dentro, com a documentação, os próprios alunos não conhecem.

LTROA: Eles não sabem... Então, fazer um projeto, até vocês com esse projeto fazer assim, passarem nas salas, no começo do ano, do semestre lá e contar assim, que parece que uma pessoa indo com aquele intuito, é melhor que o professor do que o professor estar falando.

DTL: Nós temos na segunda semana de junho, nós vamos participar da segunda Semana de Museus e por isso a sua entrevista está sendo muito importante para a gente mostrar várias fotos que estão aqui no arquivo, por que a gente vai colocar painéis com fotos, Etec Fernando Prestes, ontem e hoje, então fotos de diversas situações da escola.

LTROA: Você viu aquele que tem aqui na 103 (pág. 103 do livro) que é o projeto nosso, atuações práticas em conglomerados habitacionais que é da turma de Construção civil? Que é um projeto, o mais importante que foi da minha gestão inteira que o Almério fala isso até hoje...

DTL: Que eles mediram todas as... a reurbanização

LTROA: Isso a medição, a reurbanização de favelas. Então aqui são seis bairros, gente isso realmente aconteceu.

DTL: Sim, meu ex-marido fez parte. Ele foi aluno aqui.

LTROA: Fez parte, quem que era o...

DTL: Fernando Guimarães.

LTROA: Fernando Guimarães e ele lembra, será de que grupo ele fez parte?

DTL: De que grupo eu não sei, mas ele ia fazer essas medições e tudo mais.

LTROA: Então, esse projeto, se vocês tiverem foto aí, parece que tem...

DTL: Tem, tem sim.

LTROA: É um projeto que tem de ser falado, e falar levantamento fotográfico e arquitetônico, orçamento. Gente, isso realmente acontecia, isso que eu acho mais interessante, não foi uma brincadeira. Chegou lá no Humberto de Campos. Eles tinham a luz, eles tinham o ônibus, eles conseguiram um monte de coisas com esse projeto.

DTL: Com esse projeto.

LTROA: Tanto que aquele vereador lá conseguiu, como chama...as casas, as plantas e tudo.

DTL: Habite-se?

LTROA: Isso, tudo isso, ele achou que o projeto era dele. (risos)

DTL: E foi uma parceria, foram os alunos que desenvolveram?

LTROA: Na verdade foi uma parceria com a prefeitura. Dois projetos que foram importantes: A “Cultura Vai à Escola” e esse daí que foi o “Conglomerado Sub-habitacionais”. Nossa, o Almério até hoje ele que volte isso, entendeu.

DTL: Essas parcerias com a escola, a escola ganha visibilidade, porque a escola está aí para isso né, para servir a comunidade.

LTROA: Nossa, verdade. E a escola ganha e a prefeitura ganha, todo mundo ganha.

DTL: Leila, eu sei que nós já extrapolamos o seu tempo, se for possível a gente agendar um outro momento para a gente fechar essa entrevista, mas de qualquer forma, nós estamos gravando e isso vai ser editado, eu gostaria se você pudesse deixar uma mensagem final.

LTROA: Olha, eu fiz uma coisa... eu achei assim... eu peguei um monte de informação aqui. Então, para mim foi memorável e foi inesquecível o tempo que eu estive aqui como diretora.

Eu levo isso na minha bagagem, era um clima de camaradagem tão humano, emocional e bonito, nasceu da criatividade de cada um. Eu agradeço a vocês aí pela entrevista. Eu gosto eu me empolgo quando eu começo a falar daquela época e parablenizo vocês por terem continuado com esse projeto tão importante.

DTL: Nós é que agradecemos, em nome do Centro de Memória, eu Daniele e a professora Ivani, a professora Maria Lúcia Carvalho que é a nossa coordenadora geral e nós é que agradecemos imensamente a sua disponibilidade em poder dar essa entrevista para a gente, que isso é fundamenta para registrar essa história e só temos a te agradecer imensamente isso. Deixa, eu te dar um abraço.

LTROA: Obrigada pelo seu entusiasmo.

DTL: Eu gosto muito desse projeto que eu tenho um carinho muito grande.

LTROA: Quando a gente gosta a gente faz, né!

DTL: Obrigada!

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Etec Fernando Prestes
Leila Tereza Rolin Oliveira Almeida
Centro Paula Souza
Técnico em Secretariado
Técnico em Contabilidade
Técnico em Processamento de Dados
Técnico em Mecânica
Técnico em Construção Civil
Projeto Conglomerados Sub-Habitacionais
Projeto Cultura Vai a Escola
Escola Aberta
Resistência a mudanças
Centro de Memória
Fanfarra

Alterações na legislação

APM

Laura Laganá

Almério Melquíades de Araújo

Stela Maris Cano Ronzani

Rosemari Santos Paula

Oswaldo Luiz Carconi

Luís Alberto Agasi

Luiz Antonio Koritiake

Daniele Torres Loureiro

Dados Biográficos da Entrevistada



Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida, possui Licenciatura em Letras – português/inglês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba (1972); Pós-graduação em Teoria da Literatura, pela Fafi Sorocaba (1973); Pós-graduação em Linguística pela Fafi Tereza Martin, São Paulo (1975). Graduação em Pedagogia pela Fafi Nossa Senhora do Patrocínio, Itu (1981). Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino desde 1973. Atuou no Centro Paula Souza como professora, coordenadora de área e diretora da Escola Estadual Fernando Prestes de 1982 a 2022.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Daniele Torres Loureiro - Desde 2003 é professora do Ensino Médio e Técnico; atuou como mediadora de aprendizagem do Técnico em Administração – EADTEC, é membro do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes e professora conteudista do GEEAD. Bacharel em Administração Pública pela UFSJ. Aluna do PPGEd da UFSCar Sorocaba (2016-2017). Pós-graduada em PIAGED - UFF (2015). Tecnóloga em Automação de Escritórios e Secretariado pela Fatec-SP (1998). Foi coordenadora de Curso (2006); Membro do Projeto Historiografia (2005-2006); Professora da pós-graduação no Senac (2012 e 2013); Professora Universitária – Unip (2011-2012). Membro do projeto Biblioteca Ativa (2014 e 2015). Organizou exposições sobre a história dos cursos da Etec Fernando Prestes e apresentou trabalho no VI COLUBHE (2006). Participou do Programa Intercâmbio da Fundação Rotária (2009). Apresentou estudos no II SEMTEC (2013) e VI Encontro de Memórias e História da Educação: Concepções, Rupturas e Permanências (2018).

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida

Termo de Autorização para uso de Imagem de Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida